[CINCO DICIONÁRIOS CLÁSSICOS DA LÍNGUA PORTUGUESA]

1. Começo com o primeiro grande lexicógrafo brasileiro – é liberdade ufanista: quem nascia no Pernambuco em 1755 era súdito do império português –, **Antônio de Morais Silva** (1755-1824). O advogado, fugitivo da Inquisição e latifundiário canavieiro primeiramente resumiu em dois tomos saídos no agitado ano de 1789 o imenso *Vocabulário* de Bluteau, da primeira metade do século, antes de completá-los com outras fontes, que resultaram na edição tornada clássica, a segunda, de 1813. Não é, contudo, a que traz a última vontade do autor, que participou da terceira (1823) e cujos apontamentos manuscritos foram aproveitados na quarta (1831).

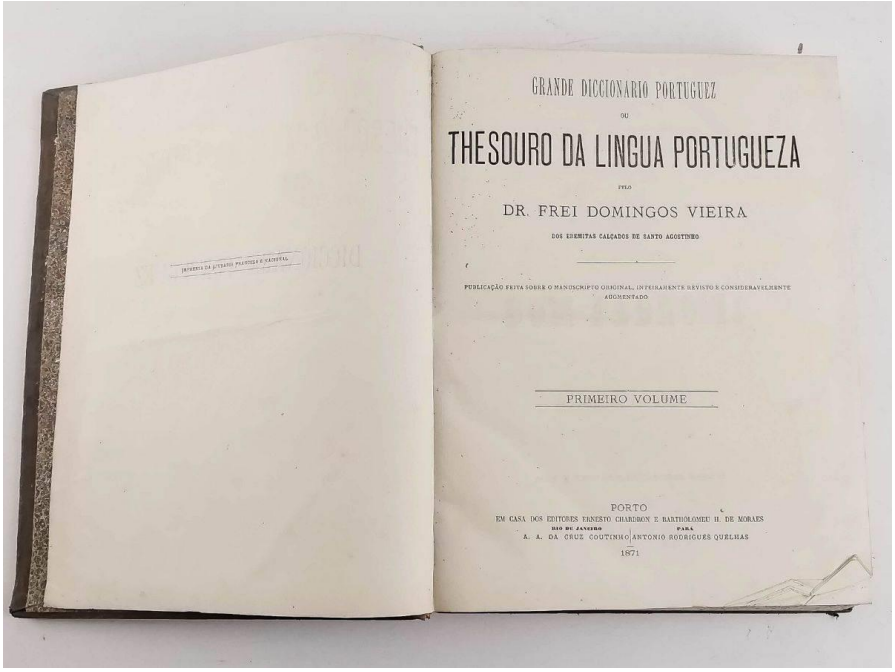
Esse dicionário, recheado de exemplos inventados e outros colhidos a fontes diversas, foi fundamento para muitas edições com acréscimos, até a última, a décima, de 1949-1959, com onze volumes e um suplemento. Eu me sirvo com grande proveito da segunda, da sétima (de 1877) e da décima, riquíssima de abonações mais recentes e necessária para quem quiser usar Morais como dicionário vivo, e não para a história da lexicografia. E lamento profundamente que esse não tenha se tornado nosso grande dicionário, como um Oxford, em que as personalidades dos grandes estudiosos se fossem fundindo a um projeto coletivo.

DICCIONARIO
DA
LINGUA PORTUGUEZA
RECOPILADO
DOS VOCABULARIOS IMPRESSOS ATE' AGORA, E NESTA SEGUNDA EDIÇÃO NOVAMENTE EMENDADO, E MUITO ACCRESCENTADO,
POR
ANTONIO DE MORAES SILVA
NATURAL DO RIO DE JANEIRO.
OFFERECIDO
AO MUITO ALTO, E MUITO PODEROSO
PRINCIPE REGENTE N. SENHOR.
TOMO PRIMEIRO
A.—E.
LISBOA,
NA TYPOGRAPHIA LACÉRDINA.
ANNO DE 1813.
Com Licença da Mesa do Desembargo do Paço.

DICCIONARIO
DA
LINGUA PORTUGUEZA
RECOPILADO
ANTONIO DE MORAES SILVA
OFFERECIDO
AO MUITO ALTO, E MUITO PODEROSO
PRINCIPE REGENTE N. SENHOR.
TOMO SEGUNDO
F—Z.
LISBOA,
NA TYPOGRAPHIA LACÉRDINA.
ANNO DE 1813.

2. O dicionário verdadeiramente monumental do século XIX é o *Grande diccionario portuguez, ou thesouro da língua portugueza*, baseado em manuscrito do **Frei Domingos Vieira** (1775-1857), mas aparentemente muito alterado, sobretudo pelos editores, Adolfo Coelho e Teófilo Braga, que assinam longos estudos no primeiro de seus cinco volumes, saídos entre 1872 (não se enganem pela data do frontispício) e 1875. Aparentemente, um obelo assinala os verbetes acrescentados. O dicionário contém apontamentos etimológicos e considerações relativas ao uso dos termos. Sua maior riqueza é, a meu ver, a abundância de abonações dos termos, sempre com base em textos claramente referidos – o problema da qualidade das edições usadas para as citações me parece supérfluo. Fico contente com descobrir, enquanto escrevo estes apontamentos, que Camilo Castelo Branco gostava do dicionário pelas mesmas razões que o aprecio:

"Quem procura aquilatar o valor próximo e remoto da propriedade de um termo, de certo não se enfada com vê-lo repetido e abonado com a autoridade de vários autores. Essa satisfação é uma das grandes benemerências do Grande Diccionario".



GRANDE DICCIONARIO PORTUGUEZ

OU

THESOURO DA LINGUA PORTUGUEZA

PELO

DR. FREI DOMINGOS VIEIRA

DOS EREMITAS CALÇADOS DE SANTO AGOSTINHO

PUBLICAÇÃO FEITA SOBRE O MANUSCRIPTO ORIGINAL, INTEIRAMENTE REVISTO E CONSIDERAVELMENTE AUGMENTADO

PRIMEIRO VOLUME

PORTO

EM CASA DOS EDITORES ERNESTO CHARDRON E BARTHOLOMEU H. DE MORAES

RIO DE JANEIRO

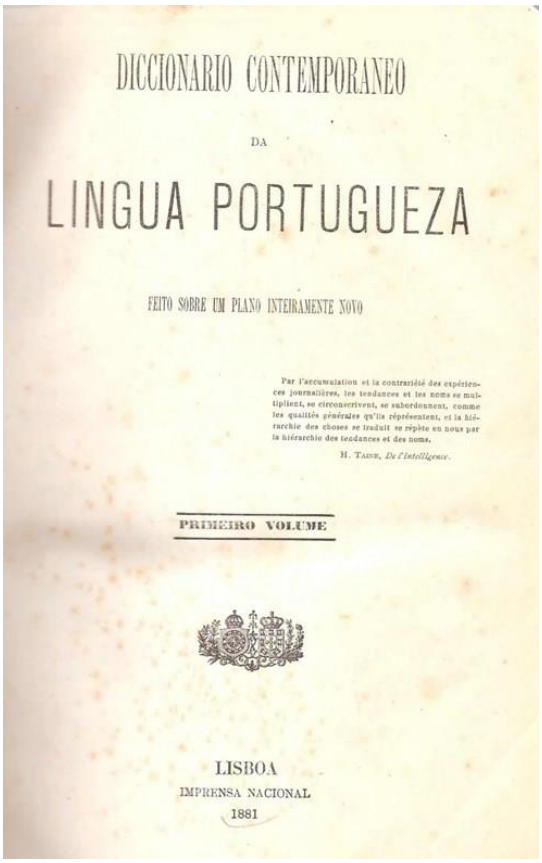
A. A. DA CRUZ COUTINHO | ANTONIO RODRIGUES QUELHAS

1871

3. Enquanto aqueles dois dicionários são acentuadamente prescritivos – o que não é problema algum, de meu ponto de vista – o final do século XIX viu surgirem dicionários com grande abertura para a variedade da língua. O primeiro deles é o *Diccionario contemporaneo da lingua portugueza*, cuja primeira edição é de 1881, logo conhecido como **Caldas Aulete**, a partir do nome de seu idealizador, Francisco Júlio de Caldas Aulete (1826-1878). Caldas Aulete morreu, contudo, quando estava pronta apenas a letra "A", e o trabalho foi levado a cabo por Santos Valente.

Bem ao gosto da Europa industrializante e neocolonizadora, o dicionário se preenche de termos técnicos e científicos, acolhe neologismos de todas as naturezas, regionalismos, etc., e oferece vários exemplos de uso inventados pelo próprio dicionário, culminação, poderíamos dizer, de uma abordagem que se pretende racional e não dependente da autoridade dos textos reputados modelares. A diferença é tamanha diante do que se viu antes, que Antenor Nascentes pôde afirmar: "a língua portuguesa tem dois dicionários: o de Morais e o Caldas Aulete". Como o Morais, o Caldas Aulete foi também base para muitos incrementos, notadamente no Brasil, onde edições publicadas entre 1958 e 1987, em cinco volumes, foram se seguindo.

A editora Lexikon, a meu juízo, desfigurou completamente o dicionário com a sua edição atualizada, publicada a partir de 2007.



DICCIONARIO CONTEMPORANEO

DA

LINGUA PORTUGUEZA

FEITO SOBRE UM PLANO INTEIRAMENTE NOVO

Par l'accumulation et la contrariété des expériences journalières, les tendances et les noms se multiplient, se circonscrivent, se subordonnent, comme les qualités générales qu'ils représentent, et la hiérarchie des choses se traduit se répète en nous par la hiérarchie des tendances et des noms.

H. Taine, *De l'Intelligence*.

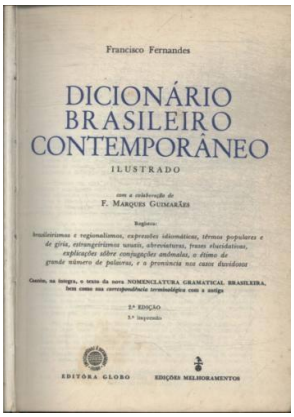
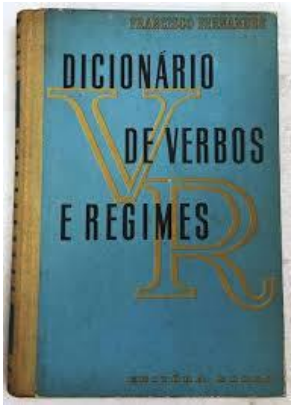
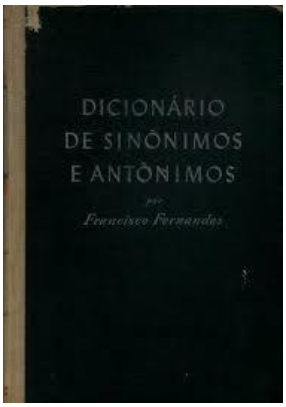
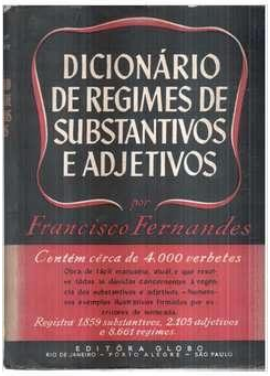
PRIMEIRO VOLUME

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1881

4. O *Novo Diccionario da Lingua Portugueza*, de Cândido de Figueiredo (1846-1925) é, de certo modo, um companheiro ideológico do *Diccionario contemporaneo*, com as marcas fortes que lhe foram impressas pela personalidade polêmica de seu autor, que foi incrementando a obra entre a primeira (1899) e a quarta (1926) edições, esta última se podendo reputar a edição de referência. Mas talvez essa personalidade bastante idiossincrática responda pelo fato de que o dicionário absorve muitos textos novos, especialmente portugueses do final do século XIX, mas também gêneros desprezados por outros dicionaristas, como o teatro, e muitos vocábulos presentes na linguagem coloquial. Bastante orgulhosamente, Cândido de Figueiredo assinalou com um asterisco os vocábulos que não constavam em dicionários anteriores. Para nós, tem o interesse de conter numerosos "brasileirismos". Conforme o próprio autor:

"Nada desperdicei do que fui colhendo: arcaísmos e neologismos, derivações violentas e até errôneas, termos de significação duvidosa e obscura, tudo alfabetei e reproduzi, julgando cumprir um dever".

Seguindo na senda racionalizante a que aludimos, o dicionário contém pouquíssimas abonações, embora frequentemente indique referências pela abreviação de autor e título e pelo número de página (tornando muito custoso caçar as edições empregadas).

5. Como último grande dicionário geral da língua portuguesa, cito aquele que pegou fogo antes de ser publicado, obra do mineiro Francisco Fernandes (1900-1965). O incêndio deve ter caído tão mal ao lexicógrafo, que certamente explica sua morte alguns dias depois. A perda apenas é menos doída para nós porque, por meio dos quatro dicionários que publicou (*Dicionário de verbos e regimes*, 1940; *Dicionário de sinônimos e antônimos da língua portuguesa*, 1945; *Dicionário de regimes de substantivos e adjetivos*, 1950; *Dicionário brasileiro contemporâneo*, 1953), conseguimos de alguma forma imaginar o que teria sido aquela obra.

Os dicionários de regimes vão muito além de meramente indicar a regência: as abonações são copiosas, mas perfeitamente categorizadas, não raro com notas explicativas muito precisas. Para mim, muito frequentemente, é manipulando os quatro dicionários de Francisco Fernandes que as coisas se resolvem